

## Capí, Caapí, Gabi, Ayahuasca e Yagé\*)

A. DUCKE \*\*)

*Instituto Agrônômico do Norte, Belém, Pará*

(Recebido em 7 de dezembro de 1957)

### I

Acabo de ler o artigo *A Identidade Botânica do Yagé (Destazendo uma confusão)* por OSWALDO DE A. COSTA, em *Revista Brasileira de Farmácia* 37 N.º 11 (1956). O distinto professor discute o trabalho de CARLOS TOLEDO RIZZINI: *Plantas estupefacientes empregadas pelos ameríndios*, ibidem 37 n.º 7 (1954), e o de WALTER B. MORS E PEROLA ZALTSMAN: *Sôbre o alcalóide de Banisteria caapi*, SPRUCE, *Boletim do Instituto de Química Agrícola* 34 (1954). Ambos os trabalhos citados fazem referências a DUCKE: *Plantas de cultura precolombiana na Amazônia Brasileira*, *Boletim Técnico do Instituto Agrônômico do Norte* n.º 8 (1946), onde o yagé da Colômbia é dado como conspecífico com o capí brasileiro e o ayahuasca peruano, ambos, êstes, comprovadamente, pertencentes à espécie botânica *Banisteria caapi* SPRUCE.

No intuito de desfazer a parte que me coube na confusão de que trata a obra citada do professor OSWALDO COSTA, venho dar publicidade aos dados seguintes: Estacas do capí do alto Rio Negro foram por mim adquiridas em 1929, no rio Curicuriari afluente daquêle grande rio, no pôrto de uma morada indígena onde a espécie era cultivada; plentei-as no Campo Experimental da Cachoeira Grande nos subúrbios de Manaus, e no ano seguinte transferi mudas para o Jardim Botânico do Rio onde as mesmas evoluíram com vigor e rapidez, chegando a florescer e frutificar abundantemente, ao cabo de poucos anos. Em 1931, viajando na região da tríplice fronteira Brasil-Peru-Colômbia, consegui estacas do ayahuasca do Departamento peruano de Loreto; plantadas no Jardim Botânico, em condições idênticas às do capí, chegaram igualmente ao estado fértil. O colega J. G. KUHLMANN, na minha ausência, examinou e comparou as duas plantas, reconhecendo-as como conspecíficas, e forneceu material de ambas ao Instituto de Química Agrícola, para pesquisas sôbre o alcalóide.

Outra é a questão da identidade botânica do yagé com o capí e o ayahuasca. Baseei-me, para a registrar, em informações colhidas em Tonan-

---

\*) Ortografia usada na Colômbia.

\*\*) Os trabalhos do autor sôbre plantas do Norte e Nordeste do Brasil são subvencionados pelo Conselho Nacional de Pesquisas.

tins, Rio Solimões, pouco abaixo da bôca do Rio Içá que vem da Colômbia, e onde na ocasião da minha demorada estadia em 1944 trabalhavam vários colombianos. Um destes, DANIEL ARIAS, excelente *mateiro* que me prestou bons serviços nas excursões botânicas, foi meu principal informante; afirmou que o yagé do seu país era o mesmo ayahuasca do Peru. Por isso, não tenho dúvida que o nome popular colombiano das *Banisteria* inebriantes seja yagé, não podendo no entanto afirmar que todo o yagé seja *Banisteria*. Porque, segundo MORS E ZALTSMAN o. c., Resumo: *O alcalóide do capí é, sabidamente, idêntico à harmina das sementes de Peganum harmala (Zygophyllaceae), e difere da yagéina em suas propriedades características.* Os dois autores brasileiros basearam-se em literatura colombiana, na qual há opiniões divergentes. Certo é que a diversidade dos alcalóides comprovaria a das espécies botânicas.

Em alguns casos, a fitoquímica fornece à sistemática caracteres diferenciais mais importantes que a morfologia. Observa-se isso nos gêneros *Strychnos*, *Lophophora* e outros.

A conspecificidade do capí do Amazonas brasileiro com a ayahuasca do Peru (Departamento Loreto) está comprovada; a do yagé da região fronteira da Colômbia, com os ditos, é sumamente provável. Não está no entanto provado que esse yagé da flora tipicamente amazônica do extremo Sueste da Colômbia seja conspecífico com o dos altos cursos do Caquetá e Putumayo, no limite da flora hileana, ao pé da Cordilheira. Esta questão só pode ser resolvida por quem disponha de material botânico completo, procedente de pontos, entre si distantes, da vasta Amazônia Colombiana. Na hiléia, plantas inebriantes existem em várias famílias botânicas, e em alguns casos seus nomes vulgares mudam de lugar em lugar, na mesma espécie; devemos no entanto duvidar que plantas de aspecto tão diferente como as malpigiáceas e as apocináceas venham a ser designadas pelo mesmo nome.

Os autores que têm o yagé como diferente do capí (ayahuasca) atribuem-lhe o binômio *Haemadictyon amazonicum* Benth. ex. M. Arg. em MARTIUS, Flora Brasiliensis, mais tarde substituído pela nova combinação *Prestonia amazonica* (Benth.) MACBRIDE, aceita por WOODSON em sua moderna monografia das *Echitoideae* (*Studies in the Apocynaceae* 4, *Annals of the Missouri Botanical Garden* 23, 1936). Parece ser uma espécie rara, conhecida unicamente na coleção típica (Lago Quiriquiri, Rio Trombetas, Estado do Pará, SPRUCE 299). Esse lago fica pouco acima da bôca daquele afluente do baixo Amazonas, a pouco mais de 20 quilômetros da cidade de Óbidos, região relativamente seca cuja flora não deve possuir muitas espécies em comum com a longínqua e super-húmida Amazônia colombiana. A média de chuva anual em Óbidos é de 1.552 mm.; quatro meses recebem menos de 50 mm. (LE COINTE). No Sueste da Colômbia, a média anual é de 3.000 mm. para cima.

O binômio *Haemadictyon amazonicum* apareceu pela primeira vez na literatura sobre plantas inebriantes do Noroeste da hiléia, no livro de R. SPRUCE: *Notes of a botanist on the Amazon and Andes*. Certos índios do

Rio Uaupés (Brasil e Colômbia) adicionavam ao capí de *Banisteria* uma pequena quantidade de raízes do *capí pinima*, do qual SPRUCE viu apenas brotos cujas folhas lembravam, em seu aspecto, as da apocinácea paraense por êle coletada e denominada; dada a insuficiência do material, limitou-se a constatar essa semelhança porém se absteve de identificar a espécie. Bastou seu ilustre nome para levar gerações sucessivas de botânicos e fitoquímicos a aplicar o referido binômio ao yagé, sem ao menos verificar se o material estudado pertencia a uma só ou mais espécies. Não tomaram conhecimento da substituição do nome *Haemadictyon* por *Prestonia*, nem da mínima probabilidade de uma planta do Pará, aparentemente rara, habitar também as selvas permanentemente úmidas do Sueste colombiano. Na falta de material botânico em condições, a diversidade dos alcalóides provaria a diversidade específica das plantas.

### RESUMO

1.º — O yagé do extremo Sueste da Colômbia (Trapézio Amazônico, e baixo e médio curso dos rios Caquetá e Putumayo (Japurá e Içá, no Brasil) será ao menos em sua maior parte específico com o capí o Brasil e ayahuasca o Peru, *Banisteria* (= *Banisteriopsis*) *caapi* Spruce e espécies aliadas.

2.º — Quanto ao yagé dos altos cursos dos ditos rios, há bastante possibilidade de pertencer parcialmente a outros gêneros ou até a outras famílias.

3.º — É muito improvável que entre estas figurem apocináceas, e sobretudo *Haemadictyon amazonicum*, do Pará.

4.º — A diversidade dos alcalóides em material insuficiente para estudo morfológico provaria a presença de mais uma espécie botânica.

### II

Quanto aos vários modos de se escrever o nome indígena-brasileiro da *Banisteria caapi*, tenho a dizer o seguinte: o nome popular da planta, no Estado do Amazonas, é capí, igualmente pronunciado pelos índios e pelos civilizados, na mata como nas cidades (inclusive Manaus) onde a planta se encontra cultivada (para uso na medicina popular ou em feitiçarias, nunca para servir como entorpecente!). No Pará (Belém, onde há uns raros exemplares cultivados), o nome é cabi, o mesmo que se aplica ao *Cabi paraensis* Ducke, muito mais freqüente. O nome *Caapi* como os de *caapueira* e outros com a dobrado, de idêntica origem, só existe em literatura. No alto Rio Negro onde a língua geral ainda está bem viva (falada até em famílias brancas), nunca ouvi alguém dizer *caá* mas sempre *câ*. O uso do *aa*, em palavras pertencentes à língua geral, pode eventualmente ter sua origem em trabalhos de naturalistas alemães em cuja língua o *aa* corresponde ao *á* português, bem fechado e bem longo. Palavras alemãs que podem servir como exemplos são *Aal* (enguia) e *Haar* (cabelo). Recordo alguns nomes indígenas, alterados em obras de autores alemães: o grande MARTIUS cita a palmeira buriti como *purity* e a palmeira patauí como *batauí* (daí o nome botânico *Cenocarpus bataua* Mart.).

RICHARD SCHOMBURGK, em *Reisen in Guiana*, faz referências a uma dança popular de nome *baducca* que conheceu no que hoje é o Território do Rio Branco: é o *batuque* comum brasileiro mas o nome *baducca* é citado em literatura, brasileira inclusive.

Quanto à escolha entre os nomes genéricos *Banisteria* e *Banisteriopsis*, prefiro conservar-me neutro, embora me incline mais pela conservação do primeiro que nos livra do lastro de numerosas *combinações*. Ambos os nomes são usados em obras botânicas de primeira categoria, mas eu acompanho KOSTERMAN, em *Studies in South American Malpighiaceae* e *Flora of Surinam*, publicações da Universidade de Utrecht, de particular importância para quem estuda a flora do Brasil Amazônico.